

COOPERATIVISMO E ASSOCIATIVISMO NA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA DE MENOR PORTE NO BRASIL

Érica Basílio Tavares Ramos

Doutoranda em agronegócio pela Universidade Federal de Goiás (UFG). *E-mail*: <ericabasiliotavares@gmail.com>.

José Eustáquio Ribeiro Vieira Filho

Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais (Dirur) do Ipea; e professor dos Programas de Pós-Graduação em Agronegócio da Universidade de Brasília (Propaga/UnB) e em Economia Aplicada da Universidade Federal de Viçosa (PPGEA/UFV). *E-mail*: <jose.vieira@ipea.gov.br>.

DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/td2693>

A produção de menor porte, ou agricultura familiar, tem dinâmica diferente da agricultura de maior escala, ou agricultura comercial. A questão da escala produtiva é uma variável importante na inserção competitiva dos mercados. Estabelecimentos produtivos com maior escala de produção são capazes de vender produtos a preços mais elevados e de negociar insumos a preços mais baixos, aumentando assim a rentabilidade dos negócios. No entanto, o grau de participação dos pequenos agricultores em organizações coletivas (cooperativas e associações) impacta diretamente tanto sobre a capacidade de produção quanto sobre o uso eficiente dos recursos escassos.

O problema de pesquisa, aqui estudado, busca avaliar qual o impacto institucional da presença do cooperativismo e do associativismo na produção familiar brasileira. O estudo parte das seguintes hipóteses: organizações coletivas de produção (cooperativas ou associações de produtores) contribuem para o crescimento da produção da agropecuária de menor porte e contribuem também para o uso mais eficiente dos recursos. Acredita-se que a vinculação às cooperativas e associações agropecuárias pode elevar a eficiência técnica dos agricultores familiares, uma vez a produção elevada, e pode haver um uso mais eficiente dos recursos, promovidos pelo aumento das habilidades gerenciais adquiridas em decorrência da participação em uma cooperativa ou associação. Com o intuito de verificar essa hipótese, utilizou-se o modelo de análise de fronteira estocástica espacial local com o uso de indicadores locais para aferir a dinâmica produtiva das variáveis de interesse (cooperativas e associações).

Constatou-se que a presença institucional da participação produtiva em cooperativas e associações

impactou de forma positiva no valor da produção do estabelecimento familiar. Os indicadores espaciais mostraram que existe um padrão espacial: o cooperativismo é bastante forte na região Sul, enquanto o associativismo é mais frequente na região Nordeste. Essas observações estão associadas ao ambiente institucional de cada região. No Nordeste, o desenvolvimento é fortemente marcado por restrições ao desenvolvimento de atividades agropecuárias. O caminho para que os agricultores dessa região encontrem uma alternativa viável na atividade agropecuária seria por meio do aumento da produtividade, que esbarra em questões exógenas (climáticas e geográficas) e endógenas (instituições promotoras do desenvolvimento local).

Pela análise da fronteira estocástica espacial local, identificou-se que a média da eficiência técnica dos estabelecimentos familiares foi de cerca de 0,87, ou seja, 13% abaixo da fronteira de eficiência ótima. Observou-se também que os municípios do Nordeste possuem escores de eficiência inferiores aos das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Possíveis indicações para isso é que o ambiente institucional no Sul promove políticas com maior participação local (*bottom-up*), enquanto no Nordeste a participação de instituições locais e produtores é mais passiva, dependendo de políticas públicas de desenvolvimento regional centralizadas (*top-down*).

Portanto, os resultados encontrados podem subsidiar a formulação de políticas públicas que auxiliem a agricultura de menor porte a aumentar sua renda e seu bem-estar, principalmente nas regiões mais carentes, as quais tiveram os escores de eficiência mais baixos.